



O papel da educação em agroecologia no projeto pedagógico da Escola Municipal Paulo Freire, Santa Cruz Cabrália, Bahia

The role of education in agroecology in the pedagogical project of the Paulo Freire Municipal School, Santa Cruz Cabrália, Bahia

SANTIAGO, Jaiara Santos¹; TROILO, Gabriel²; BOGO, Maria Nalva Rodrigues de Araújo³

¹ Escola Municipal Paulo Freire, Movimento Sem Terra, jaiara2023mst@gmail.com; ² Secretaria de Educação do Estado da Bahia, gabriel.troilo@enova.educacao.ba.gov.br ; ³ Universidade do Estado da Bahia, nalvaaraujo237@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O objetivo deste trabalho foi promover um relato das experiências de educação em Agroecologia nas práticas educativas e no projeto pedagógico da Escola Municipal Paulo Freire, Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva, município de Santa Cruz Cabrália, Bahia. Foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas junto aos docentes e educandos da escola. Os resultados desta investigação demonstram como um projeto de educação em agroecologia tem o potencial de transformar a escola, promovendo a contextualização do ensino com a realidade de luta do assentamento e as demandas por avanço da agroecologia na produção e na organização. A escola Paulo Freire e sua experiência oferece um recorte significativo para o processo de implantação da educação em agroecologia na educação básica, traduzindo os desafios dessa proposta, mas também o potencial de transformação da escola com tal processo.

Palavras-chave: educação na reforma agrária; educação do campo; transição agroecológica.

Introdução

A Escola Municipal Paulo Freire é um centro formativo presente em uma área de Assentamento da Reforma Agrária do extremo sul do estado da Bahia. Foi construída como parte da luta dos trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra (MST) em busca de uma educação apropriada para a realidade da juventude do assentamento. A proposta pedagógica da escola está alinhada aos princípios da educação do campo defendidas pelo MST, e ao que Neto (2004) afirma, que “A pedagogia do movimento, enquanto reflexão específica sobre as matrizes pedagógicas, postas em movimentos na formação Sem Terra, e ao tratar essa formação como um processo educativo”. Neste contexto, a proposta de construção da escola se alinha à uma concepção de educação para formação humana crítica e contra-hegemônica da juventude do campo.

A Escola vem lutando para implantar em sua base pedagógica uma proposta de educação que se contraponha ao modelo tradicional que historicamente a classe dominante vem impondo para a escolarização da população rural, reivindicando uma educação que atenda às necessidades dos sujeitos do campo. Neste processo



a agroecologia se compôs como centro de construção de uma educação contra-hegemônica, pois ela é um processo de construção de modelo produtivo popular e um projeto político de transformação da realidade do campo, que se contrapõe ao sistema do agronegócio, tornando-se uma bandeira de luta da classe trabalhadora do campo.

Nos marcos deste debate, este trabalho busca explicitar o papel da agroecologia na construção da proposta pedagógica da Escola Municipal Paulo Freire, a partir da sistematização das experiências advindas do caminho percorrido pela escola para implementação da proposta de transição agroecológica em seu projeto pedagógico. O objetivo deste trabalho é promover um relato das experiências de educação em agroecologia nas práticas educativas e no projeto pedagógico da Escola Municipal Paulo Freire, e refletir sobre as consequências desse processo no contexto da escola.

Este trabalho é expressão da pesquisa desenvolvida como trabalho de conclusão de curso da Especialização em Educação do Campo da Universidade do Estado da Bahia, campus Teixeira de Freitas.

Metodologia

O presente trabalho de pesquisa teve como objeto a Escola Municipal Paulo Freire, uma unidade escolar de ensino fundamental localizada no Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva, BR 367, km 22, zona rural do município de Santa Cruz Cabralia, Bahia. A escola oferta os anos finais do ensino fundamental para jovens filhos de agricultores do assentamento e de demais comunidades do entorno. Os sujeitos da pesquisa, portanto, foram os educandos e educadores da Escola Paulo Freire que frequentam o espaço escolar e os espaços educativos com projetos de Educação em Agroecologia.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizada uma investigação de abordagem qualitativa, tendo como instrumentos de pesquisa a observação participante, o diálogo com educandos, equipes de docentes e gestores da escola, e como parte do processo foi utilizada uma estratégia de pesquisa participativa, ou seja, a pesquisadora se fez presente como parte da escola investigada, levantando dados de suas próprias observações e vivências. Por fim, foi realizada pesquisa documental para coleta de dados sobre a escola, e levantamento de material bibliográfico para fundamentação da pesquisa.

Resultados e Discussão

Por meio do diálogo com a comunidade escolar e das coletas realizadas em documentos de construção da escola e projetos executados no processo, qualificando com o olhar da pesquisadora, que é sujeito dessa construção, foi possível sistematizar a história e as experiências desenvolvidas no processo evolução da Escola Paulo Freire, sobretudo no que toca o avanço da educação em agroecologia em sua base educativa. A seguir apresentamos um resumo das sistematizações realizadas no trabalho de pesquisa.



A Escola Municipal Paulo Freire surgiu através da luta do povo organizado em busca de uma educação do campo de qualidade, voltado à realidade do povo camponês. Ela está inserida em uma área de Reforma Agrária, e muitos educadores fizeram parte da luta pela terra, desde o processo de ocupação da área, até a conquista do Projeto de Assentamento Coroa de Cabralia, recentemente regularizado sob a denominação Assentamento Luiz Inácio Lula da Silva. É comum na percepção clara de todos os educadores que a construção da escola está imbricada no processo de avanço das lutas pela implantação do assentamento, desde o processo de mobilização inicial e ocupação da terra a proposta da escola já era parte da luta, passando por vários processos até chegar na condição atual.

Esse caráter de luta política, portanto, atravessa todo o processo de desenvolvimento da educação no assentamento, o que é comum a todo Movimento Sem Terra em sua “Pedagogia do Movimento” em acordo com Caldart (2000). Sendo assim, é de consenso entre os educadores que a escola tem por fins educativos questionar e romper com a estrutura político-econômica-social, acreditando no eixo básico que sustenta o trabalho pedagógico que é o comprometimento com a construção do conhecimento pelo próprio sujeito. Essa construção se dá pela mediação do modo de produção e reprodução da vida dos educandos, que, sendo camponeses em uma área de reforma agrária, traduzem a vida no campo e a agricultura camponesa na construção dos conhecimentos, no desenvolvimento de sua consciência política através do trabalho e da cooperação.

Pela fala dos educadores e nos estudos dos documentos da escola, é notório como a base pedagógica da mesma é consolidada na perspectiva de educação do Movimento Sem Terra (CALDART, 2000). Já é histórica a construção que o Movimento vem gerando, de sua forma de educação e sua escola, e essas são delineadas na própria trajetória de luta e organização dos trabalhadores do campo. Nessa construção coletiva, o MST vem tentando recuperar algumas matrizes pedagógicas desvalorizadas pela sociedade capitalista, a Escola Municipal Paulo Freire traz em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) essas matrizes pedagógicas: Pedagogia do Trabalho, Pedagogia da Terra, Pedagogia da História, Pedagogia da Organização Coletiva, Pedagogia da Luta Social e Pedagogia da Práxis.

É nesta perspectiva da construção de uma escola consolidada na luta pela terra que o conjunto de educadores reconhece a importância do MST no avanço da educação em agroecologia. É certo que o Movimento Sem Terra, compreendendo a importância de se trabalhar a proposta da agroecologia dentro dos assentamentos e acampamentos da reforma agrária passa a compreender também a necessidade de implementar dentro das escolas do campo as propostas de educação e formação em agroecologia. Neste sentido o movimento passou a desenvolver processos de formação de educadores e educadoras com foco em Agroecologia, assumindo o desafio de construir um método de estudo e trabalho com a Agroecologia nas escolas do campo. No Extremo Sul da Bahia a primeira formação ocorreu no ano de 2014, na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta da Mata Atlântica Egídio Brunetto, localizada no Município do Prado, tendo um total de mais ou menos 62



educadores envolvidos que contribuíram no processo de implantação da educação em agroecologia de 27 escolas de assentamentos e acampamentos. Dentre eles estavam os educadores da Escola Paulo Freire (SILVA et al, 2017).

Nesta primeira formação o movimento trouxe a necessidade de se instituir o processo de transição agroecológica nos agroecossistemas camponeses dos assentamentos e acampamentos de sua base, e trouxe a reflexão sobre a abordagem desta questão em sala de aula, enfatizando diversos aspectos sobre as contradições, possibilidades e desafios para o fortalecimento das escolas na perspectiva da educação em agroecologia. A compreensão do movimento é de que as escolas seriam um dos espaços importantes para a formação dos sujeitos capazes de transformar a matriz produtiva do campo. E foi neste espaço que as escolas construíram uma agenda de atividades que contribuíssem no diálogo e na implementação da agroecologia nos territórios rurais, ficando aberto o desafio para implantação em seus diferentes espaços o debate, a fim de fortalecer a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Em acordo com Caldart (2012), “[...] quando se entende a agroecologia como um componente essencial da resistência e do fortalecimento e expansão dos territórios camponeses. E estes processos de luta e construção colocam os conteúdos essenciais da luta”.

Na experiência vivenciada pela equipe de educadores da Escola Paulo Freire neste primeiro seminário, expressou-se a possibilidade de avanço nas propostas que já vinham sendo discutidas, mas desta vez na construção concreta do projeto da escola, na implementação de práticas educativas e na organização do espaço. Ou seja, foi neste processo formativo que a escola compreendeu que a Agroecologia seria um dos pilares centrais de sua práxis formativa.

O marco inicial da transição agroecológica da escola foi a Campanha Contra os Agrotóxicos e pela Vida. A campanha desenvolveu um trabalho muito importante dentro das escolas de assentamentos e acampamentos do MST. Na Escola Municipal Paulo Freire não foi diferente, a campanha introduziu um conjunto de formações e práticas que impulsionaram o processo de implementação da Educação em Agroecologia, ao se desenvolver a crítica ao uso abusivo de agrotóxicos pelo agronegócio e na proposição da transição agroecológica dos sistemas produtivos. Neste mesmo período, além da campanha, a Escola recebe como doação o espaço para realização das práticas agroecológicas. O espaço foi cedido pelo coletivo de mulheres do assentamento que tinham como objetivo a implementação do local para a criação de uma horta orgânica comunitária, mas infelizmente não teve sucesso. Além deste espaço a Escola acabou sendo selecionada para participar do projeto “Mais Educação” que no período tinha como objetivo ampliar o tempo de permanência dos estudantes na escola, por meio da oferta da educação integral, realizando oficinas específicas em temas escolhidos pela comunidade escolar. Esses fatores deram abertura para a construção de práticas educativas de manejo do solo e produção agroecológica para que os estudantes pudessem realizar seus experimentos e projetos. Durante os anos seguintes as ações pedagógicas só foram intensificando, trazendo o fortalecimento para escola e tornando-a referência dentro da Regional Extremo Sul do MST, é claro



que nem tudo ocorreu como o planejado, houveram diversos momentos de dificuldade. No entanto, em 2017 a escola foi marcada pelo “Projeto Agroecológico Escola Sustentável” que nasceu a partir do primeiro Seminário do Projeto de Acampamentos e Assentamentos Agroecológicos. Esse projeto desenvolveu ações de formação e produção em sete áreas do MST no Extremo Sul da Bahia, com o objetivo de implementar de maneira direta a Agroecologia e suas dimensões no dia a dia das famílias. Percebendo as necessidades de avanço da educação em agroecologia em todo o território, o projeto agrega então as escolas para participarem dos momentos de formação. A primeira formação ocorre no Assentamento Chico Mendes, localizado em Porto Seguro, no Extremo Sul da Bahia, tendo como objetivo disseminar e fortalecer o debate da Agroecologia com educadores e a equipe de apoio das escolas, para que o tema fosse reproduzido desde a alfabetização até o ensino médio, tendo como base um planejamento de aulas teóricas e práticas em temáticas específicas da agroecologia.

Foi nesse processo de estudo e organização que o grupo de educadores da Escola Municipal Paulo Freire iniciou o processo de organização do projeto, dando os primeiros passos para a elaboração de uma proposta mais consolidada de educação em agroecologia. Ao retornar para o assentamento o coletivo de educadores sentiram necessidade de avançar nesse processo, sendo organizados momentos de reunião com da equipe juntamente com alguns técnicos e representantes da Escola Popular Egídio Brunetto, com intuito de finalizar a proposta do projeto para poder dar início no próximo período. Em 2018 foi iniciado o ano letivo já tendo a proposta de “Projeto Agroecológico Escola Sustentável” em voga na Escola Paulo Freire, sendo feito uma apresentação do projeto para os estudantes no início das aulas e já realizando o processo de inscrição para as oficinas propostas pelo projeto.

As oficinas agroecológicas passaram a se desenvolver no contra turno e tiveram total aceitação e agregação dos estudantes, pais e educadores. Elas proporcionaram a troca de saberes e a capacitação de técnicas agroecológicas, sendo pensadas e organizadas a partir das necessidades da escola e, sobretudo, da transição agroecológica das áreas do assentamento. O projeto inicia com as oficinas de diversos temas como: restauração de ambientes degradados, adubação natural, combate aos agrotóxicos, sistemas agroflorestais, sucessão ecológica em agroecossistemas, tecnologias sociais e cooperativismo.

Até a atualidade as oficinas são realizadas permanentemente, e já implicam na prática pedagógica da escola como um todo. É certo que por meio de sua atuação comprometida com a educação do campo e a Agroecologia, a Escola Municipal Paulo Freire vem buscando contribuir para a formação de cidadãos conscientes, críticos e engajados, capazes de promover a sustentabilidade ambiental, a justiça social e a valorização da agricultura familiar. Ela se destaca como um espaço educacional onde a luta pela reforma agrária se entrelaça com o fortalecimento da educação do campo e a disseminação dos princípios agroecológicos, proporcionando aos estudantes uma educação contextualizada, relevante e transformadora.



Conclusões

Através da sistematização do processo percorrido pela Escola Municipal Paulo Freire, voltado às práxis agroecológicas, foi possível estabelecer uma relação dos sujeitos nessa construção e o papel da escola na evolução do próprio assentamento. Nota-se que o trabalho que vem sendo desenvolvido tem uma grande conexão na proposta interdisciplinar do currículo escolar, e que a proposta agroecológica consiste na aproximação de teoria e prática, um dos desafios que caminham juntos na construção de um saber que vem respeitando a identidade do sujeito do campo.

O caminho que a Escola Municipal Paulo Freire percorreu até o tempo atual contribuiu com o processo de avanço da Agroecologia no chão da escola, esse caminho foi traçado por grandes desafios que culminaram em avanços significativos para a proposta agroecológica da educação da escola e do assentamento.

A construção da agroecologia vai muito além da produção na terra e da transição de sistemas alimentícios, ela está ligada à relação do sujeito do campo com a natureza e seu envolvimento no espaço em que pertence. A agroecologia se torna uma matriz de produção que vem desenhando uma agricultura popular, fortalecendo a raiz ancestral, indígena e é claro a camponesa. Percebemos isso quando entramos na Escola Municipal Paulo Freire, onde observamos de perto que a agroecologia se torna um dos pilares fundamentais da formação e construção da educação.

Agradecimentos

Ao Movimento Sem Terra pelo projeto de escola do campo que proporciona o avanço da educação em agroecologia. À Universidade do Estado da Bahia e à Secretaria de Educação do Estado da Bahia que proporcionaram a oportunidade deste trabalho ser desenvolvido.

Referências bibliográficas

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. Editora Vozes, 2000.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. **Dicionário de Educação do campo**, 2012.

SILVA, Felipe Otávio Campelo et al. Educação em Agroecologia: percurso da construção de uma proposta pedagógica para as escolas do campo do Extremo Sul da Bahia. **Caminhos para a transformação da escola do Trabalho, agroecologia e estudos das escolas do campo**, v. 1, 2017.